

## Ragazzi di vita de Pier Paolo Pasolini: O exílio e a morte em foco

Mestrando César Casimiro Ferreira<sup>1</sup>

### Resumo:

*Neste trabalho, resultado de nossas primeiras reflexões sobre o romance Ragazzi di vita (1955), de Pier Paolo Pasolini, que constitui o corpus de nossa dissertação de mestrado, em realização na UFRJ sob a orientação da professora Maria Lizete dos Santos, pretendemos verificar como é apresentado o tema “exílio - morte”. Para tanto, examinaremos os mecanismos com os quais o multifacetado autor italiano nos sugere a importância da exclusão social e da morte como redenção, na narrativa dos seus personagens, na Roma dos anos 1950.*

**Palavras-chave:** Pasolini, Narrativa Italiana, Exílio, Morte

### Introdução

Falar do tema *exílio* é sempre uma tarefa complexa porque, diante das variantes de significados que essa palavra pode assumir, nos deparamos, às vezes, com dificuldades de criar hipóteses acerca do tema. Entretanto, neste trabalho que focaliza o romance de Pier Paolo Pasolini, *Ragazzi di vita*<sup>2</sup> (1955), tentaremos individuar o tema *exílio* na concepção de um *exílio lingüístico*, além daquele causado por fatores socioeconômicos e políticos que foi, na realidade, a grande preocupação de Pasolini ao escrever a obra em tela, ou seja, o foco principal da narrativa voltava-se à possibilidade de se fazer uma espécie de *denúncia*, de mostrar para a Itália e o mundo que existiam pessoas marginalizadas / excluídas por uma sociedade injusta do ponto de vista social.

### 1 Ragazzi di vita

De fato pensei simultaneamente em três romances, *Ragazzi di vita*, *Una vita violenta* e *Il Rio della grana* (o último título, ainda provisório, talvez seja substituído por *La città di Dio*) nos mesmos moldes, nos mesmos anos e junto os amadureci e os elaborei. A única diferença é que *Ragazzi di vita* foi escrito por inteiro e fisicamente. Os outros dois ainda não; estão escritos em parte, como esboços (só dois terços de *Una vita violenta* estão prontos). Enquanto escrevia *Ragazzi di vita* já estavam esboçados os outros dois romances nas suas estruturas e, em parte, em seus detalhes. *Ragazzi di vita* deveria ser uma espécie de, dizemos com péssimo gosto, “abertura” acenando a mil motivos, fundando um mundo, um tanto particular, em si completo, do mundo. Os outros dois romances deveriam aprofundar. Enquanto em *Ragazzi di vita* aquilo que conta é o mundo das “borgatas” e do subproletariado romano vivido nos meninos, e então o protagonista, o Riccetto, era, além de um personagem bem definido, um fio condutor um pouco abstrato... (PASOLINI, 198, p. 210 - tradução do autor)

Como se pode ler no supracitado trecho, Pasolini pensou em escrever uma série de obras que tratassem de um tema semelhante: da vida daqueles que estavam à margem da sociedade italiana. A “abertura” dessa série se deu com *Ragazzi di vita*, seu primeiro romance de sucesso. Observamos que o autor buscava *criar/ trazer* e fazer conhecer ao seu público um mundo que por muitos era ignorado. A narrativa se passa nesse ambiente “particular, em si completo, do mundo”.

No centro da narrativa encontram-se Riccetto e um grupo de amigos que vivem a passagem da adolescência para o início da vida adulta, em uma Roma também em transformação. Os eventos se passam do verão de 1943 até o início dos anos 1950. As personagens do romance são todas jovens ou adolescentes, pertencentes ao universo do subproletariado romano.

Todas estão ligadas a uma dimensão puramente física; vivem somente para a satisfação de suas necessidades básicas, sem consciência política ou social de suas existências. Preocupam-se com o cotidiano, apenas, sem qualquer tipo de interesse pelo dia seguinte, em um *eterno* movimento de sucessão de acontecimentos.

A narrativa traz imagens velozes, com cortes bruscos, nas quais vêm relatadas as aventuras de Riccetto e seus amigos, que vivem à margem da sociedade, praticando pequenos delitos. Em seu constante peregrinar pela cidade, o protagonista vê a vida a sua volta passar sem qualquer expectativa de mudança; a resignação é o elemento que o acompanha ao longo da história, até o final quando um de seus companheiros morre.

Nenhuma das personagens passa por um processo evolutivo, ou seja, por um processo de crescimento pessoal. Eles permanecem ligados durante toda a narrativa, através das suas *ingenuidades*, a uma existência *pré-cultural* e até mesmo, de certa forma, *pré-social*. Habitam um mundo isolado, que não se comunica com o exterior, e essa aparente divisão de mundos se comprova com a cisão das duas sociedades através do uso do jargão ou *dialeto* das personagens.

A morte é um elemento que se faz presente no romance, de forma constante, e nos leva a pensar no percurso vivido pelas personagens que lutam da forma que sabem e podem pela sobrevivência. Riccetto, durante a sua adolescência, testemunha o sucumbir de alguns dos seus melhores amigos: primeiramente Marcelo, vítima da queda de um edifício; a seguir, vítima da polícia, Amerigo; e, por fim, Genésio e “*a vida que foge no meio das águas*”.

## **2 O dialeto romano criado por Pasolini**

Várias vezes, se procurado, seria encontrado plantado em alguma pizzeria da Torpignattara, da *borgata* Alessandrina, da Torre Maura ou de Pietralata, enquanto em uma folha de papel anoto expressões idiomáticas, pontos expressivos ou vivazes, gírias ouvidas em primeira mão da boca dos “falantes” feitos falar de propósito. Isto, naturalmente, acontece em ocasiões específicas. Por exemplo, a um certo ponto da narrativa, uma das minhas personagens rouba uma pasta ou alguma bolsa: existe uma gíria para indicar pasta ou bolsa? Como não! Pasta se diz *cricca*, bolsa *campana*: A negação em geral, além de *morto*, se diz *riboncia* etc. (Ao invés de dizer *etc*, ou coisas do gênero, no meu romance colocarei sempre e *tanti benedetti*, quando um não menos vivaz e *tante belle cose*). Nem sempre esse material instrumental em nível baixíssimo e particularíssimo transcrevo diretamente: O faço somente nos casos nos quais me apresente uma dificuldade ou uma necessidade estilística na mesa, enquanto escrevo tudo sozinho. (PASOLINI, 1983, p. 212)

O denominado *dialeto romano* utilizado por Pasolini em seu romance *Ragazzi di vita* é, na realidade, uma espécie de reconstituição artificial da língua falada nas *borgate*, a partir de suas observações *in loco*, como se apreende do trecho acima citado, quando o autor tentava criar uma língua

que não pretendia ser a reconstituição exata do verdadeiro dialeto romano, mas, sim, uma “língua” de natureza literária criada com vistas a “reconstruir” a realidade lingüística das periferias romanas dos anos 1940-50.

### 3 O exílio lingüístico

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser e o lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (SAID, 2003. p. 46)

Edward Said, em seu texto *Reflexões sobre o exílio*, define o tema da forma acima citada. A leitura do romance *Ragazzi di vita* nos permite observar que o ambiente no qual se passa a narrativa é repleto de mecanismos capazes de gerar uma exclusão de todos aqueles que não conseguiram ou não puderam fugir desse destino “inevitável”, ou seja, as condições econômicas de uma Itália durante e no pós-guerra foram determinantes para o “fracasso” socioeconômico de muitos jovens romanos dessa época. Assim, Pier Paolo Pasolini com seu olhar metucioso foi capaz de evidenciar com riquezas de detalhes todas essas especificidades da sociedade romana do início da segunda metade do século XX.

O primeiro elemento interessante a ser notado no romance é aquele ligado à dimensão do estilo de linguagem, que é utilizado pelas personagens. Pasolini faz uso do dialeto romano quando os personagens mais pobres / humildes falam. No trecho abaixo podemos constatar a preocupação de fazer falar os personagens com o chamado dialeto:

Ricetto, inquieto e ansioso, resolveu abandonar aquilo tudo e saiu pela igreja vazia. Mas, na porta encontrou o padrinho, que lhe perguntou: *Aòh, addò vai?*<sup>1</sup> Vou pra casa, Ricetto respondeu. *Tengo fame. Vie' a casa mia, no, a fiço de na mignotta*<sup>2</sup>, gritou o padrinho, *che sta er pranzo*<sup>3</sup>. Mas, Ricetto nem olhou para ele; foi embora, correndo pelo asfalto que queimava ao sol. Roma inteira era um barulho só. Apenas ali, no alto, havia silêncio. Um silêncio carregado como uma mina. (PASOLINI, 1985, p. 8)

Faz-se importante assinalar, ao tratarmos da questão do *dialeto* que encontramos tão presentemente forte nessas obras de Pasolini, que este funciona não só como um mecanismo estilístico que serve para ressaltar as diversidades dos dois mundos que Pasolini queria fazer contrastar, o da burguesia e do proletário. Mas, principalmente, nos permite fazer referência à questão do *exílio lingüístico*, ou seja, de que forma a relação entre língua e identidade pode ser tão importante no determinar o destino de personagens reais ou não.

<sup>1</sup>Ei, aonde vai?

<sup>2</sup>Estou com fome. Pois vem almoçar comigo, filho da puta.

<sup>3</sup>que tem comida na mesa.

Esse *exílio* causado por fatores lingüísticos tem a princípio o mesmo funcionamento dos demais, ou melhor, seria capaz de trazer as mesmas sensações e dificuldades para a vida de qualquer indivíduo. Porém, devemos sublinhar que esse possui características de um isolamento não desejado / não procurado, porque é causado por fatores externos ao indivíduo. Uma pessoa que sofre com tal

espécie de exílio entende, necessariamente, que não é causador, que não buscou esse isolamento. Mas, ao mesmo tempo, pode compreender que o seu *exílio* terminará quando ele passar a fazer parte do grupo da maioria que domina a língua de prestígio. Pasolini valorizou essas diferenças sabendo utilizar no seu romance o *dialeto*, quando se fazia necessário evidenciar a diferença de valores dos dois *mundos* que serviram de ambientação para suas obras.

Um segundo elemento importante que se nota no romance é aquele ligado à dimensão da morte, ou melhor, de como esse fato é tratado na obra. No primeiro capítulo, vê-se que o elemento “morte” aparece em um segundo plano:

Ricceto e Marcelo foram tragados pela multidão e carregados porta adentro. Viram-se descendo uma escada a caracol enquanto a multidão atrás empurrava e as mulheres gritavam meio sufocadas. A escadinha, abarrotada de gente, estalava. Um corrimão de ferro, frágil, cedeu, partiu-se, e uma mulher caiu, gritando, batendo a cabeça num degrau. Os de fora continuavam empurrando. Morreu! Gritou um homem, do fundo da adega. Morreu! Berravam, horrorizadas, as mulheres. Não se podia entrar nem sair. Marcelo continuava descendo os degraus, deu um pulo, saltando por cima do cadáver; precipitou-se para dentro da adega e encheu a sacola com pneus. Perto dela outros rapazes pegavam tudo que podiam. Riccetto havia sumido; talvez tivesse saído. A multidão dispersava-se. Marcelo saltou de novo por cima da mulher morta e correu para casa. (PASOLINI, 1985. p.11)

Assim, podemos dizer que é uma metáfora da forma com que as personagens tratam a morte, ou seja, com superficialidade; é somente um detalhe a mais. As pessoas passam sobre o cadáver, e isso lhes parece ser “natural”.

A morte da personagem Marcelo, depois da queda do edifício da escola, vem narrada da mesma forma, com resignação. A diferença está no tempo porque esta ocupa algumas páginas; a narração é feita mais detalhadamente e se conclui de forma “serena”:

Marcelo olhou em volta atentamente, como se estivesse pensando em alguma coisa. <Ah! Mas não é isso!> Disse depois de algum tempo. <Devo mesmo ir embora>. Ninguém respondeu nada. <Mas, então>, acrescentou Marcelo, olhando fixamente os que estavam em volta, <Devo mesmo morrer!> Agnolo e Oberdan mantinham-se calados. Estavam perturbados. Após alguns minutos de silêncio, Agnolo tomou coragem, aproximou-se da cama e tocou Marcelo no ombro: <Nos despedimos Marcelo>, disse. <Precisamos ir agora, pois temos um encontro com os amigos>. <Tchau Agnoletto!>, disse com voz fraca, mas firme, Marcelo. E, após ter pensado um momento, acrescentou: <Saudações a todos lá em Dona Olímpia, se eu não voltar mais... E digam pra não sofrerem muito!>. Agnolo empurrou Oberdan pelo ombro e os dois foram embora pelo pátio já quase escuro, sem dizer uma palavra. (PASOLINI, 1985, p. 48)

A morte de Amerigo também recebe o mesmo tratamento; é narrada de forma vaga / velada. O importante não é a morte, mas aquilo que acontece em torno desse fato:

<Sei, sei>, fez o Riccetto, astuto, <Eu também estava lá>. Alducio olhou-o com interesse e informou seco: <Amerigo morreu>. Riccetto sentou-se, apoiando-se nos cotovelos, e o encarou. Aquela era uma notícia excitante, que o deixava cheio de curiosidade. <que fez?>, perguntou. <Morreu, morreu!>, repetiu Alducio, feliz por contar a novidade. <Morreu ontem na policlínica>, acrescentou.

(PASOLINI, 1985, p. 81)

No episódio final, o relato da morte ganha novos contornos; é narrada de forma diferente daquelas dos demais capítulos. Esse tema aparece como um dos argumentos principais:

A principio pensou que eles estivessem brincando, mas logo percebeu a situação e saiu correndo, escorregando, mas percebendo que não havia nada a fazer: atirar-se no rio, ali embaixo da ponte, era o mesmo que dizer <estou cansado da vida>; ninguém teria conseguido. Parou pálido como um morto. Genésio já não resistia mais, coitado, e batia desordenadamente os braços, mas sem pedir socorro. De vez em quando afundava para depois desaparecer um pouco mais abaixo; finalmente, quando já estava quase perto da ponte, onde a correnteza se quebrava e espumava sobre as pedras, submergiu pela última vez, sem um grito. (PASOLINI, 1985, p. 189)

Não havia nada a fazer, a vida se perde entre as águas. Pasolini faz uso da metáfora da Morte como forma de elevação desses personagens a uma “redenção”, talvez a única forma possível de salvação. Semelhante ao lento fluir do rio Aniene é o fluir da vida dos meninos, e nada melhor do que metaforizar a redenção com a vida que foge, se perde entre as águas do rio.

A idéia do *exílio* se faz presente no romance, considerando-se que os personagens vivem reclusos em um mundo fechado, limitado, do qual não podem sair. Estão resignados diante da vida, do trabalho desumano que fazem. O “pequeno” mundo desses personagens é retratado de forma criteriosa por Pasolini, que narra a diferença entre os “mundos” da burguesia e o dos excluídos, dos marginalizados que habitavam a periferia romana dos anos 1950-60.

## **Conclusão**

O exame do romance *Ragazzi di vita*, do escritor italiano Pier Paolo Pasolini, nos permite afirmar que a idéia de *exílio* presente na narrativa compõe-se de duas dimensões: a primeira e de mais fácil percepção e aceitação é aquela de uma exclusão causada por fatores socioeconômicos; ou seja, torna-se aceitável quando partimos do conceito de *exílio* como algo que vem de fora para dentro, ou melhor, de uma força que impele os indivíduos / as personagens a viverem de uma maneira reclusa, limitada a um mundo pequeno, medíocre. A atmosfera da narrativa é de certa forma “sufocante”; toda a história se passa em um período de tempo determinado (nos anos da Segunda Guerra Mundial), em um lugar bem demarcado (a periferia da cidade de Roma) criando a sensação de uma atmosfera pesada que nos faz pensar sobre o que seja na realidade o conceito de liberdade. E é, talvez, nesse ponto que Pasolini consegue formular um “jogo” irônico interessante, porque através da reclusão o autor nos leva a reconsiderar os nossos conceitos de liberdade.

No romance observamos que o principal “jogo” está no tempo da narrativa, que se apresenta com vários cortes bruscos de “imagens”, que se perdem rapidamente. A metáfora construída para o fluir das águas do rio Aniene (já citada anteriormente) e o fluir da vida das personagens é o elemento que marca essa passagem do tempo. A vida de todos se passa ao redor das margens do Aniene; é nessas margens, à margem, que os meninos aprendem a viver e a lidar com a morte.

Pasolini constrói uma narrativa riquíssima do cotidiano dos meninos das periferias romanas e também dos meninos das *periferias da vida*.

No prefácio ao romance *Una vita violenta* (1988) lê-se:

Uma obra pronta pode incluir uma parte de resistência do escritor a sua própria essência. A essência de Pasolini era sem dúvida direcionada e perder-se até o fundo do objeto de sua mimese, fosse este a cultura, o a <vida>, ou o poder... O esforço que Pasolini fez, de incluir em *Una vita violenta* o resplandecer de uma perspectiva histórica e civil, mostra a autenticidade (autenticidade na mimese) da sua arte: aquele esforço não pode, de fato, ir além de um certo ponto, nem trair uma inteira regra de vida.

A escolha feita por Pasolini ao escrever *Ragazzi di vita* ou *Una vita violenta* foi, talvez, a de se aproximar, de *perder-se* no mundo da periferia que lhe era tão *fascinante* porque trazia na sua simplicidade a autenticidade, a pureza lingüística que já não conseguiria encontrar nas áreas desenvolvidas das grandes cidades. Dessa forma, o autor dedicou grande parte de suas obras iniciais no *período romano* ao mundo especial das *borgate*, legando-nos uma vasta e importante produção poética, que pode ser explorada por diversas áreas das ciências humanas. Mas, principalmente, do ponto de vista literário e lingüístico.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BRODSKIJ, Josif. *Dall'esilio* [*The condition we call exile*. The Nobel Foundation, 1987]. MILÃO: Adelphi, 1988.
- [2] LAHUD, Michel. *A vida clara. Linguagens e realidade segundo Pasolini*. São Paulo: Ed. da UNICAMP ; Companhia das Letras, 1993.
- [3] PASOLINI, Pier Paolo. *Meninos da vida*. Tradução: Rosa Artini Petraitis. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- [4] \_\_\_\_\_. *Os jovens infelizes. Antologia de ensaios corsários*. Org.: Michel Lahud. Tradução: Michel Lahud e Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- [5] \_\_\_\_\_. *Empirismo eretico*. Milão: Garzanti, 1972.
- [6] \_\_\_\_\_. *Ragazzi di vita*. Turim: Einaudi, 1983.
- [7] \_\_\_\_\_. *Scritti corsari*. 2ª ed. Milão: Garzanti, 1991.
- [8] \_\_\_\_\_. *Una vita violenta*. 1ª ed. Milão: Garzanti, 1988.
- [9] SAID, Eduard. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhias das Letras, 2003.
- [10] SINOPOLI, A.C. Di Franca - TATTI, Silvia. *I confini della scrittura. Il dispatrimonio nei testi letterari*. Isernia: Iannone, 2005.

---

## **Autor**

<sup>1</sup> **César Casimiro FERREIRA, Mestrando**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas  
[cesarcasimiro@bol.com.br](mailto:cesarcasimiro@bol.com.br)

**Maria Lizete dos SANTOS, Profa. Dra.**  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
[mlizete@ufrj.br](mailto:mlizete@ufrj.br)